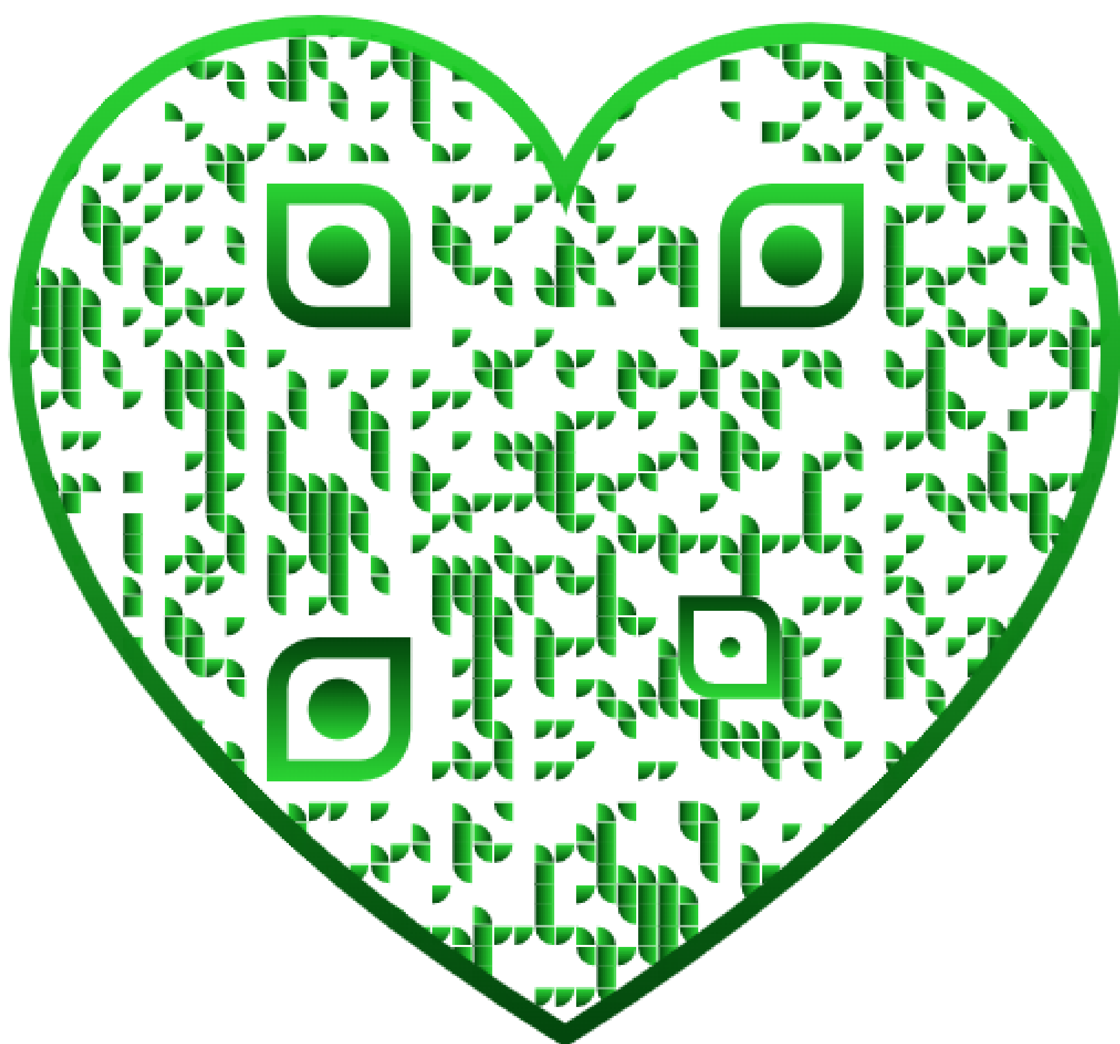
RABINDRANATH TAGORE

O JARDINEIRO DO AMOR







I

O Escravo

Tem piedade do teu escravo, rainha minha!

A Rainha

Terminou a assembleia, e todos meus servidores se retiraram. Por que chegas tão tarde?

O Escravo

Meu turno começa quando tu concluis com os demais. Teu último escravo vem perguntar-te o que lhe ficou para fazer.

A Rainha

Que podes tu fazer, sendo tão tarde?

O Escravo

Faz-me jardineiro do teu jardim.

A Rainha

Que loucura é essa?

O Escravo

Abandonarei o meu outro trabalho. Lançarei meus sabres e minhas lanças no pó. Não me envies a cortes distantes; não me ordenes que empreenda novas conquistas. Faz-me, isto sim, jardineiro do teu jardim.

A Rainha

Quais serão teus afazeres?

O Escravo

O serviço dos teus dias de lazer. Conservarei viçoso o verde caminho por onde passeias pela manhã; onde os teus pés, a cada passo, serão recebidos com louvores pelas flores ávidas da morte. Embalar-te-ei num balancinho entre os ramos do *saptáparna,* onde a lua nascente, no arrebol tentará beijar a borda de teu manto através da folhagem. Encherei de azeite perfumado a lâmpada que arde ao lado do teu leito, e untarei tua banqueta com unguento de açafrão, com bálsamo de

sândalo, em disposição maravilhosa.

A Rainha

Qual será teu galardão?

O Escravo

Que me permitas pegar estes teus punhos pequeninos, semelhantes a ternos botões de lótus, e fazer correrem por teus pulsos correntes de flores; que possa tingir a planta dos teus pés com o sumo rubro das pétalas de *açoca* e limpar com meus beijos qualquer grãozinho de poeira, que neles acaso tivesse pousado.

A Rainha

Teus desejos estão concedidos, escravo meu. Tu serás o jardineiro do meu jardim.

II

Unem-se as mãos nas mãos, e os olhos se aprofundam nos olhos.

Assim, começa a estória dos nossos corações. No plenilúnio de uma noite de março. Paira no ar o suave perfume de alfena. Esquecida na grama jaz minha flauta. Tua grinalda de flores ficou por terminar. Este amor entre mim e ti é simples como um cantar. Teu véu, cor de açafrão, embriagou meus olhos. A coroa que tuas mãos teceram fez vibrar meu coração em um hino de louvor.

É o jogo de dar e reter, de mostrar e esconder.

Alguns sorrisos, alguns rubores, e alguma doce e inútil resistência.

Este amor entre mim e ti é simples como um cantar.

III

Não há nenhum mistério além do presente, nem esforços para obter o impossível, nem andar tateando na escuridão.

Este amor entre mim e ti é simples como um cantar. Não abandones as doces palavras, para extraviar-nos no longo silêncio; nem levantemos no vazio nossas mãos, implorando aquilo que está mais além de nossas esperanças.

Não exprimamos o prazer, ao extremo de extrair dele o vinho da dor.

Satisfeitos estamos do que damos e recebemos. Este amor entre ti e mim é simples como um cantar.

IV

Fala-me amor meu, dize-me em palavras o que tu cantas.

A noite é escura, as estrelas se perdem nas nuvens, o vento suspira através das folhas.

Desprenderei meus cabelos e minha túnica azul envolverá meu corpo como a escuridão da noite; estreitarei tua cabeça contra meu peito e falarei mansamente ao teu coração.

V

Lá, na doce solidão, não olharei teu rosto; atento te escutarei com os olhos fechados. Quando terminarem tuas palavras, permaneceremos sentados, silenciosos e quietos.

Ouvir-se-á somente o suspirar das árvores, na escuridão. A noite se apagará; amanhecerá o dia. Nós nos olharemos nos olhos, e tu seguirás por teu caminho, e eu pelo meu.

Fala-me amor meu, dize-me em palavras o que tu cantas.

VI

És nuvem da tarde que flutua no céu dos meus sonhos.

A toda hora imagino-te com anseios veementes de meu amor.

És minha, somente minha; ó tu que povoas os meus sonhos intermináveis.

Rosados estão teus pés, do esplendor que irradia meu coração enamorado.

Oh inspiradora dos meus cantos crepusculares!

Doces e amargos são teus lábios, saturados com o sabor do vinho de minha aflição.

VII

És minha, somente minha; ó tu que povoas meus solitários sonhos. A sombra de minha paixão escureceu teus belos olhos; caçadora do abismo dos meus olhares; aprisionei-te e envolvi-te nas malhas de minha música, oh meu amor!

És minha, e somente minha; ó tu que povoas os meus sonhos imortais.

VIII

Ó minha mãe! O jovem príncipe passará, hoje, pela porta de nossa casa, e quero vê-lo. Como poderei, então, fazer o meu trabalho?

Ensina-me a maneira de trançar lindamente meus cabelos, dize-me que roupa usarei.

Ó minha mãe! Por que me olhas assombrada?

Eu bem sei que ele não se dignará olhar, nem uma só vez, minha janela; que passará ante mim, e

desaparecerá em um abrir e fechar de olhos, e que somente o plangente e abafado som das flautas chegará, de longe, aos meus ouvidos. Porém, o jovem príncipe passará pela porta de nossa casa e eu estarei ali para contemplá-lo. Ó minha mãe!

IX

O jovem príncipe passou pela porta de nossa casa e os raios do sol nascente brilharam em sua carruagem.

Afastei o véu que cobria meu rosto, quebrei a corrente de rubis que adornava meu colo e atirei-a no caminho.

Ó minha mãe! Por que me olhas assombrada?

Sei muito bem que ele não pegou meu colar, senão, que este foi esmagado pelas rodas do carro, deixando mancha rubra na poeira do caminho, e ninguém soube de quem era o presente, nem a quem dedicado.

Porém o jovem príncipe passou pela porta de nossa casa, e atirei a seus pés esta jóia que arranquei de meu colo!

X

Dize-me se tudo é verdade, meu amor; dize-me se isto é verdade.

Quando estes olhos irradiam relâmpagos, as nuvens escuras se aninham no teu peito, em tempestuosa forma, **é** verdade que meus lábios são perfumados como o capulho recém- aberto do amor consciente?

Consomem-se no meu corpo as lembranças dos passados meses de maio?

É verdade que a terra, à feição de uma harpa, vibra musicalmente, ao toque dos meus pés?

É verdade que as gotas de orvalho caem dos olhos da noite quando eu apareço e que é ditosa a manhã quando, com sua luz tênue, envolve meu corpo?

É verdade que teu amor solitário viajou através das idades e dos mundos, à minha procura?

Que, quando por fim me encontraste, esse afã de toda tua vida encontrou repouso em minhas doces palavras, em meus olhos, em meus lábios? Em meus cabelos revoltos?

É verdade, então, que o mistério do Infinito está escrito nesta minha fronte pequena? Dize-me, meu amado, é tudo isto verdade?

XI

Tomarei o que me derem tuas mãos bondosas; não peço outra coisa.

Sim, sim, já te conheço, humilde mendigo; tu pedes tudo quanto se tem.

Se há alguma flor extraviada, dá-me, que a levarei em meu coração.

E se tivesse espinhos?

Não importa, suportarei suas dores.

Sim, sim, já te conheço humilde mendigo, tu pedes tudo quanto se tem.

Se uma só vez tu levantasses teus olhos até meu rosto, minha vida se encheria de dulçor, até mais além da morte.

E se meus olhares fossem cruéis como dardos?

Eu os conservaria atravessados em meu coração.

Sim, sim, já te conheço, humilde mendigo; tu pedes tudo quanto se tem!

XII

Atirei a rede ao mar, bem de manhãzinha.

Extraí do abismo escuro coisas de aspecto estranho e de rara beleza; umas luziam como sorrisos, outras brilhavam que nem lágrimas, e algumas se enrubesciam como faces de noiva.

Quando oprimido pela pesada carga do meu trabalho cotidiano cheguei em casa, minha amada achava-se sentada no jardim, desfolhando uma flor.

Tive um momento de hesitação, e logo lancei a seus pés tudo que tinha, e permaneci silencioso.

Olhou o fardo e disse: Que coisas raras!

Para que servem?

Inclinei minha cabeça envergonhado e pensativo:

"Com ninguém lutei para obter estas coisas, pensei; tampouco as comprei no mercado; não são, portanto, dignas dela".

E toda noite me ocupei em jogá-las, uma a uma, à rua, por minha janela.

Pela manha chegaram os viajantes, recolheram-nas e as levaram aos seus países distantes.

XIII

Não guardes para ti, meu amigo, o segredo do teu coração.

Dize-mo, somente a mim, secretamente.

Tu que sorris com tanta suavidade, não temas; dize-mo tranqüilamente, que te escutará meu coração; não meus ouvidos.

A noite é profunda, a casa está silenciosa, o sono amortalhou os ninhos dos pássaros. Fala-me através de tuas lágrimas titubeantes; entre sorrisos e tartamudeios e entre doces penas e dores, dize-me o segredo do teu coração.

XIV

Deixa teu trabalho, noiva; escuta: o convidado acaba de chegar. Ouves com que suavidade agita a corrente que sustenta a porta?

Que teus tornozelos não façam ruído, e que teus passos não pareçam apressados, quando te apresentares diante dele.

Deixa teu trabalho, noiva, que o convidado acaba de chegar.

Não, não é o vento fatástico, noiva; não tenhas medo. É a lua cheia, de uma noite de abril; as sombras são pálidas no jardim; o céu brilha sobre nossas cabeças.

Já que é necessário, cobre o teu rosto com o véu, e leva uma lâmpada até a porta, se tens medo.

Não digas nada, se tens vergonha; mas deixa-te ficar junto à porta, quando o encontrares.

E, se assim o desejas, baixa teus olhos, quando ele te interrogar.

XV

Não deixes soarem teus braceletes, quando, de lâmpada em punho, lhe indicares o caminho.

Não digas nada, se sentes vergonha

Ó doce noiva! Não terminaste ainda teu trabalho?

Escuta; o convidado acaba de chegar.

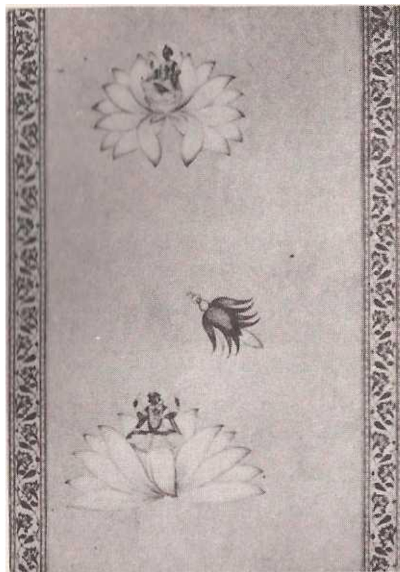
Não acendeste ainda a lâmpada na cabana?

Não preparaste o cesto de oferenda para o serviço da noite?

Não colocaste a marca rubra da alegria, entre teus cabelos negros; e não terminaste ainda os ornatos de teu corpo para esta noite?

Ó, noiva! Ouves? O convidado acaba de chegar.

Abandona o teu trabalho.



XVI

Dia a dia, ele vem e vai.

Vai entregar-lhe esta flor que adornou meus cabelos, meu amigo.

Se te perguntar quem a envia, não lhe digas meu nome.

Sim, rogo-te, porque ele somente vem e se vai.

Senta-se na poeira, debaixo da árvore.

Estende ali, meu amigo, um assento de folhas e de flores.

Seus olhos melancólicos trouxeram a tristeza ao meu coração.

Não diz nada do que pensa;

somente vem e se vai.

XVII

Tu me deixaste e seguiste teu caminho.

Pensei colocar luto por ti e engastar tua imagem solitária em meu coração, forjada num cântico dourado.

Murcha a juventude, hora após hora; fugidios são os dias primaveris; qualquer coisa mata as frágeis flores e o sábio me adverte que a vida é apenas uma gota de orvalho numa folha de loto.

Devo descurar tudo isto, para olhar aquela que me deu as costas?

Seria uma loucura, pois o tempo é curto, curto demais.

XVIII

Que venham então a mim as noites chuvosas; que sorriam meus outonos dourados, que se aproxime o abril despreocupado, prodigalizando seus beijos e carícias. Vinde vós, vós somente, meus amores, que sabeis que somos todos mortais, é sábio, acaso, destroçar nosso próprio coração?

0 tempo é curto.

É doce sentar-se a um canto e, em frases rimadas, dizer que és todo o meu universo.

É heróico acariciar nossa tristeza e não querer ser consolado.

Porém, um novo rosto me aparece através da porta e levanta seus olhos aos meus.

Que posso fazer, senão enxugar minhas lágrimas e mudar o tom de minha canção?

Porque o tempo é curto, é curto demais!

XIX

Um sorriso desconfiado brilha em teus olhos, quando de ti me despeço.

Tantas vezes fiz o mesmo, que tu acreditas em meu próximo regresso.

Na verdade, a mesma dúvida me preocupa. Os dias primaveris sucedem-se um após outro; a lua crescente despede-se para visitar-nos de novo; voltam também as flores a brotar sobre os mesmos ramos, anos após ano, e é bem possível que eu me despeça para voltar outra vez a ti.

Quando eu te disser que me vou por longa ausência, aceita essa despedida como verdadeira, e deixa que uma névoa de lágrimas se forme no círculo escuro dos teus olhos.

E quando eu voltar, outra vez, ao teu lado, sorri, pois, com a imensa alegria do teu coração.

XX

O passarinho domesticado morava em uma gaiola; o pássaro livre vivia no bosque.

Encontraram se, quando chegou o momento decretado pelo destino.

— 0, meu amor! disse o pássaro livre — voemos juntos até os bosques.

O passarinho engaiolado respondeu:

— Vem aqui, fica a viver comigo nesta gaiola.

— Entre varetas, onde não existe espaço para estender as asas?. . .

— Ai de mim! Soluçou o pássaro prisioneiro.

— Eu não saberia o que fazer, se me visse pairar no espaço. Disse o pássaro silvestre:

— Ó, minha amada! entoa as canções dos bosques e das selvas.

— Senta-te aqui, ao meu lado — replicou o que morava na gaiola.

— Ensinar-te-ei a linguagem dos sábios.

— Não! oh, não! — exclamou o pássaro livre.
— As canções não podem ser ensinadas;
O pássaro engaiolado disse; — Infeliz de mim que não conheço as canções da selva.
Intenso, cheio de desejos, é o amor de ambos, porém não podem voar, asa com asa.
Olham-se tristemente através das varetas douradas e inútil é o anelo que têm de conhecerem-se.
Aflitos, sacodem as asas e cantam:
Ó, meu amor, aproxima-te até mim, aproxima-te.
— Não é possível — murmura o pássaro do bosque;
— Inspiram-me temor as portas fechadas da gaiola.
E o passarinho prisioneiro diz tristemente:
— Sem viço estão minhas asas, fracas e impotentes. . .

XXI

Deves partir, viajante?

A noite está tranqüila e a escuridão se abate sobre o bosque.

As lâmpadas brilham em nossas varandas; frescas estão as flores e despertas, aos olhos juvenis. Chegou o momento da despedida?

Deves partir, viajante?

Não atamos teus pés com nossos braços suplicantes.

A porta está aberta, teu cavalo encilhado te espera à saída.

Se embargamos teus passos, foi com nossas canções; se quisemos deter-te, foi com nossos olhares.

Viajante, somos incapazes de reter-te. Temos apenas lágrimas.

Que fogo inextinguível arde em teus olhos?

XXII

Que febre inquietante corre em tuas veias?

Que chamado misterioso te apressa?

Que horrível encantamento leste nas estrelas do céu, que como mensagem secreta fez entrar a noite, estranha e silenciosa, em teu coração?

Se as reuniões alegres não te agradam; se é tranquilidade o que procuras, coração fatigado, apagaremos nossas lâmpadas e silenciaremos nossas harpas.

Sentaremos traqüilos, na escuridão. Ouviremos o ruído das folhas, e a lua cansada verterá seus pálidos raios sobre nossa janela.

Ó, viajante! Que espírito insone te tocou, do negro coração da meia-noite?

XXIII

Por que me envergonhaste com teu olhar?

Não cheguei ao pé de ti como um mendigo.

Apenas, por uma hora fugitiva me detive no extremo do teu pátio, fora do limite do teu jardim.

Por que me envergonhas com teu olhar?

Não colhi nenhuma rosa do teu jardim, não arranquei nenhuma fruta.

Procurei humildemente proteção na sombra, à beira do caminho, onde qualquer caminhante pode deter-se. Nem uma rosa colhi.

Sim, meus pés estavam fatigados e caiu a chuva.

Soluçava o vento nos ramos movediços do bambu.

Passaram velozes nuvens.

Pelo céu, como a fugir derrotadas.

XXIV

Meus pés estavam fatigados.

Não sei o que pensaste de mim, nem a quem esperavas em tua porta.

Os relâmpagos fugazes ofuscaram teus olhos.

Como podia saber que me vias ali na escuridão onde eu estava?

Não sei o que pensaste de mim.

Passou o dia, e a chuva cessou por um instante.

Abandono a proteção da árvore, no extremo do teu jardim, e este assento sobre a relva.

Escurece, fecha a porta, que eu continuarei meu caminho.

Passou o dia.

XXV

Pelo caminho vespertino de um sonho, saí em busca daquele amor que fora meu na vida passada.

Sua casa se erguia no extremo de uma rua solitária.

Na brisa da noite, sonolento em seu poleiro, lá estava o pavão, seu favorito; e as pombas silenciosas permaneciam a um canto encolhidas.

Baixou sua lâmpada perto do portal e se deteve diante de mim; levantou seus grandes olhos até o meu rosto e mudamente interrogou-me: "Estás bem, meu amigo?"

Quis responder mas não pude; havíamos esquecido nossa linguagem, havíamo-la perdido. . .

Pensei e pensei inutilmente, nem seu nome, nem o meu, me ocorreram à memória.

Brilharam as lágrimas em seus grandes olhos.

Levantou sua destra e a estendeu para mim; tomei-a, pois, e permaneci silente.

Nossa lâmpada bruxuleou suavemente na brisa da noite e se apagou.

XXVI

Passei um longo dia, na poeira tostada do caminho.

Agora no frescor da tarde, clamo à porta da hospedaria; que se encontra deserta e em ruínas.

Um carrancudo *axaz* estende suas famintas raízes adesivas através de rachaduras que semelham bocejos do muro.

Houve um tempo em que cá vinham viajores, a lavra seus pés fatigados.

Estendiam suas esteiras no pátio, sob a tênue luz da lua nascente, e sentados contavam estórias curiosas de países distantes.

Despertavam refrescados pela brisa matinal, quando os pássaros os alegravam com suas canções e as flores amigas os saudavam, balançando suas corolas, ao pé do muro.

Porém, nenhuma luz acesa me esperava quando cheguei.

As manchas negras da fumaça deixado por mais de um lampião esquecido, como olhos enegrecidos pareciam olhar-me ali do muro desmoronado.

Entre o capinzal, perto da fonte seca, voavam vagalumes; os ramos do bambu lançavam suas sombras sobre a trilha, agora coberta pela erva invasora.

Não sou hóspede de ninguém ao terminar o dia.

A noite, longa e solitária surge ante mim, e estou fatigado.

XXVII

Era meio-dia quando tu partiste.

No céu, brilhava fortemente o sol.

Havia terminado o meu trabalho, e achava-me sozinha sentada à varanda, quando tu partiste.

Rajadas de vento alternadas chegaram até mim, trazendo a fragrância de campos distantes.

As pombas-torcazes arrulhavam sem cessar na sombra; e uma abelha extraviada revolteava no

meu aposento, sussurrando novas de prados distantes.

A aldeia dormia, no calor do meio-dia; deserto permanecia o caminho.

De tempos em tempos, crescia e diminuía o barulho das folhas.

XXVIII

Olhei o céu e teci no azul as letras de um nome que eu havia conhecido, quando a aldeia estava adormecida no calor do meio-dia.

Eu havia esquecido de trançar os meus cabelos; a brisa brincava languidamente, com eles, sobre minha face.

O rio corria mansamente sob o barranco sombreado.

Não se moviam as brancas nuvens preguiçosas.

Eu havia esquecido de trançar meus cabelos.

Era meio-dia, quando tu partiste.

Ardia o pó no caminho e os campos resfolgavam.

Arrulhavam as trocazes entre as sombras densas das folhas.

Sozinha eu estava em minha varanda, quando tu partiste.

XXIX

Quando soou o meio-dia e os ramos de bambu roçavam com o vento, eu andava pelo caminho, sem saber por quê.

As sombras inclinadas, com seus largos braços, agarravam-se aos pés da luz fugidia.

Os *koels* achavam-se fatigados de suas canções.

Os ramos pendentes da árvore sombreavam a cabana vizinha ao lago.

Alguém estava muito ocupada em seu trabalho, e seus finos braceletes soavam musicalmente.

Frente à cabana me detive sem saber por quê.

A trilha, estreita e serpeante, atravessa mais de um campo, mais de um bosque de mangueiras; passa ao lado do templo e perto do mercado que está junto do embarcadouro.

XXX

Parei junto à cabana, sem saber por que.

Há, já, anos: era um dia amenizado pelas perfumadas brisas de março, quando é mais lânguido o murmúrio da primavera, e as flores da mangueira semeiam pétalas na poeira do caminho.

A água inquieta lambia o batel de bronze, parado junto ao embarcadouro.

Penso neste dia de março, sem saber por que.

As sombras tornam-se mais profundas, volta o gado a seu redil.

Cinzenta é a luz que cobre os prados solitários, os aldeões esperam a balsa na margem do rio.

Eu volto lentamente sobre meus passos, sem saber por que.

XXXI

— Por que se apagou a lâmpada?

— Cobri-a com minha túnica, para protegê-la do vento, por isso se apagou.

— Por que murchou a flor?

— Apertei-a contra o meu coração nas ânsias do meu amor; por isso murchou.

— Por que secou o rio?

— Pus-lhe um dique para que somente eu pudesse usar suas águas; por isso secou.

— Por que se quebrou a corda da harpa?

— Tentei arrancar uma nota que estava acima do seu poder; por isso se quebrou.

XXXII

Se te apressas a encher teu cântaro, vem, oh! vem até o meu lago.

A água se juntará aos teus pés, contando seu segredo.

A sombra da chuva que se aproxima reflete na areia; pendem baixas as nuvens, sobre a linha azul das árvores, como teu cabelo espesso, sobre tuas negras sobrancelhas.

Conheço o ritmo dos teus passos, eles ressoam no meu coração.

Se és tu que deves levar teu cântaro, vem, oh! vem até o meu lago.

Ah! Se permanecesses ociosa, se te sentasses negligentemente, deixando que teu cântaro boiasse na superfície da água azul. . . vem oh! vem, até o meu lago. Verde é o declive do campo e inumeráveis são as flores silvestres que o enfeitam.

Teus pensamentos se extraviarão, longe dos teus olhos, como pássaros distantes de seus ninhos.

O véu cairá a teus pés.

Ah! Se permanecesses ociosa. . . vem, oh! vem, até o meu lago.

XXXIII

Ah! Se abandonas teus folguedos inocentes e mergulhas na água, vem oh! vem, até o meu lago.

Deixa que tua túnica azulada descanse sobre a relva; a água azul te servirá de manto e ocultará teu corpo.

As ondas se levantarão nas pontas dos pés para beijar teucolo e poder murmurar em teu ouvido palavras doces.

Se mergulhas na água; ah! vem, oh! vem, até o meu lago.

Se chegasses a perder a razão e te arrojasses à morte. Ah! vem oh! vem, até o meu lago.

É frio e insondável. . .

É negro como um sonho sem imagens.

Os dias e as noites são iguais, ali em suas profundezas.

Se tu te submergisses na morte, ah! vem, oh! vem, até meu lago!

XXXIV

Guardo suas mãos entre as minhas e aperto seu peito contra o meu peito.

Trato de encher meus braços com sua formosura, de roubar seu doce sorriso com meus beijos, de beber seus olhares escuros com meus olhos. . .

Oh! Porém onde estás? Quem pode exprimir o azul do céu?

Tento reter sua beleza; me escapa, deixando-me entre as mãos somente o corpo.

Voltei confuso e fatigado.

Como chegará o corpo a possuir a flor que somente o espírito pode tocar?

XXXV

Nada pedi, apenas me detive na orla do bosque, atrás da árvore.

Certa languidez pesava ainda, nos olhos do amanhecer; o orvalho flutuava no espaço.

O perfume preguiçoso da erva úmida pendia da tênue neblina sobre a terra.

Com tuas mãos ternas e frescas como a nata ordenhavas uma vaca à sombra do baniano.

Eu permanecia imóvel.

Não pronunciei uma só palavra; fui o pássaro que, oculto na espessura, deu ao ar sua canção.

As flores da mangueira regavam com suas pétalas o caminho que conduz à aldeia, e as abelhas, uma a uma, se aproximavam zumbindo.

XXXVI

A porta do templo de Siva, ao lado da fonte, estava aberta e o adorador havia iniciado seus cânticos.

Com um cântaro na saia, tu havias começado a ordenhar a vaca.

Eu permanecia imóvel, com meu odre vazio;

Não me aproximei de ti.

O céu despertou, ao som dos sinos do templo.

As patas do gado levantaram a poeira do caminho.

Apoiando nas ilhargas os cântaros já cheios, voltaram do rio as mulheres.

Teus belos braceletes soavam ao entrechocarem-se e teu cântaro transbordava de espuma.

Extinguiu-se a manhã e eu me acerquei de ti.

XXXVII

Estão tristes os teus olhos indagadores; parecem esquadrinhar o sentido de minhas palavras, como a lua, que sonda o mar.

Despi minha vida ante teus olhos, de um extremo a outro, sem nada reter nem ocultar. Eis, pois, por que tu não me conheces.

Se minha vida fosse apenas uma jóia eu poderia destruí-la em mil pedaços, passá-los numa

corrente e pendurá-los em teu colo.

Se fosse apenas uma flor, redonda, perfumada, eu a arrancaria do seu talo e a depositaria entre teus cabelos negros.

Porém, é um coração, amada minha; um pobre coração tu és. Onde estão suas praias, sua profundidade onde está?

XXXVIII

Tu não conheces os limites deste reinado, e, ainda assim, és soberana.

Se existisse um só momento de prazer, ele floresceria num sorriso fácil e tu o verias e o interpretarias num momento.

Se fosse apenas uma dor, derreter-se-ia em límpidas lágrimas, refletindo seu mais íntimo segredo, sem proferir palavras.

Porém, é o amor, amada minha; é o amor.

Se prazeres e dores não têm limites, e sem fim são suas riquezas e as necessidades não têm conta.

Está tão perto de ti, como tua vida própria; mas não o conhecerás jamais.

XXXIX

Ó poeta! A noite se aproxima; teus cabelos encanecem.

Não ouves em tua cogitação solitária a mensagem do futuro?

É noite — diz o poeta — e estou escutando, pois apesar de ser tão tarde alguém pode chamar-me da aldeia.

Vigio para ver se acaso se encontram os corações jovens que se extraviaram. Dois pares de olhos ansiosos imploram música para que esta rompa o silêncio e fale por eles.

Quem comporá seus cantares apaixonados, pois que me sento na praia da vida, a meditar sobre a morte e o além?

Desaparece a nascente estrela vespertina. O resplandecer de uma pira funerária morre lentamente junto ao silente rio.

Choram os chacais em coro, nos pátios das casas desertas, à luz de uma lua cansada.

Se algum ser errante, ao deixar seu lar, chegasse até cá para observar a noite com a cabeça inclinada, para escutar o murmúrio da escuridão, quem estaria aqui para sussurrar-lhe nos ouvidos os segredos da vida, se eu fecho minhas portas e tento libertar-me dos liames mortais?

XL

Que importa que meu cabelo encaneça?

Sou sempre tão jovem ou velho, quanto o mais idoso dos habitantes da aldeia.

Algumas têm sorrisos doces e suaves, outros um lampejo de astúcia nos seus olhos.

Alguns, lágrimas que transbordam à luz do dia, outros, lágrimas que se ocultam na escuridão.

Todos têm necessidade de mim e falta-me tempo para meditar sobre a vida próxima.

Tenho a idade de cada um, que importa que meus cabelos encaneçam?

XLI

Pobre de mim! Por que construíram minha casa junto ao caminho que conduz ao mercado da aldeia?

Atam seus barcos carregados perto de minhas árvores.

Vêm, vão, e passeiam a seu capricho.

Sento-me e os observo; o tempo se extinguiu.

Não os posso enxotar.. . e assim passam meus dias.

Noite e dia ressoam seus passos junto à minha porta.

Em vão eu exclamo: "não te conheço".

Meus dedos reconhecem alguns deles, meu olfato a outros, o sangue de minhas veias parece conhecer a estes, e aqueles os conhecem meus sonhos.

Não posso enxotá-los. Chamo-os e digo-lhes "Vinde à minha casa; vinde os que o desejais. Sim, vinde".

Pela manhã toca o sino do templo.

Chegam com suas cestas nas mãos.

Rosados são seus pés; a nascente luz matutina se reflete em seus rostos.

Não posso enxotá-los. Chamo-os e digo-lhes: “Vinde ao meu jardim, vinde colher as flores, vinde”.

XLII

Ao meio-dia soa o gongo na porta do palácio.

Não sei por que deixam seu trabalho e vêm passear perto do meu cercado.

Pálidas e murchas são as flores de seus cabelos; lânguidas as notas de suas flautas.

Não os posso enxotar. Chamo-os e digo-lhes: "Vinde, amigos, que a sombra é fresca, sob as árvores.

Na noite cantam os grilos nas brenhas.

Quem chega até a minha porta e chama suavemente?

Distingo vagamente o rosto, não se pronuncia uma palavra.

A imobilidade do céu nos rodeia.

Não posso expulsar meu hóspede silencioso. Contemplo este rosto na escuridão. . . e passam as horas dos meus sonhos.

XLIII

Quando se apagou a lâmpada junto ao meu leito, despertei com as aves matutinas.

Sentei junto à janela aberta, com uma grinalda nova em meu cabelo solto.

O jovem viajante chegou pelo caminho, na névoa rosada do amanhecer,

Uma corrente de pérolas rodeava-lhe o pescoço, e os raios do sol caiam em sua coroa. Deteve-se à minha porta e perguntou com um grito ansioso: onde ela está?

Envergonhado, não pude dizer-lhe: — Ela, sou eu, jovem viajante; ela sou eu.

Anoitecia, e a lâmpada estava por acender.

Eu trançava indolentemente meu cabelo.

O jovem viajor chegou em sua carruagem, no esplendor do sol poente.

Suas vestimentas estavam cobertas de poeira e seus cavalos mostravam as bocas cobertas de espuma.

Apeou em minha porta e perguntou com voz fatigada:

— Onde ela está?

Envergonhada, não respondi: — Ela sou eu, fatigado viajante; ela sou eu.

E uma noite de abril. Arde a lâmpada em meu quarto.

XLIV

Chega suavemente a brisa do sul; o papagaio palrador, dormita na gaiola.

Minha túnica tem a cor da garganta do pavão, meu xale é verde como um fresco torrão de relva.

Estou sentada no chão, frente à janela, olhando ansiosa a rua deserta,

Toda noite, murmurei: — Ela sou eu, desesperado viajante; ela sou eu.

XLV

Quando, de noite, saio sozinha em busca de amor, não sopra o vento, as casas, dos dois lados da rua, permanecem silenciosas.

São meus braceletes que tilintam a cada passo. . . e tenho vergonha.

Quando me sento na varanda e escuto seus passos, as folhas das árvores não se movem, e a água permanece queda no rio, como o sabre nos joelhos da sentinela adormecida.

É meu coração que bate loucamente.

Eu não sei como aquietá-lo.

Quando chega o meu amado, e senta ao meu lado, quando o meu corpo treme e minhas pálpebras se fecham. . . escurece a noite, o vento apaga a lâmpada e as nuvens cobrem de véus as estrelas.

É a jóia que trago no peito, que brilha e alumia.

Não sei como escondê-la.



XLVI

Vem como estás; não percas tempo em adornar-te.

Se tuas tranças se desfizeram;

Se a linha que divide teu cabelo não está reta, se as faixas de tua túnica não estão atadas; não importa.

Vem como estás, não percas tempo em adornar-te.

Vem sobre a relva em passos rápidos.

Se se abatem sobre os teus pés os brincos com guizos que tilitam; se de teu colar caem as pérolas; não importa.

Vem sobre a relva em passos rápidos.

Vês as nuvens que toldam o céu?

Bandos de gralhas levantam vôo da margem distante do rio e o vento, em caprichosos rodopios, sopra através do campo ensolarado.

Corre o gado ansioso para os seus redis, no povoado.

Vês as nuvens que se juntam no céu?

Em vão acendes tua candeia: bruxuleia e se apaga com o vento.

XLVII

Quem ficará sabendo que tuas pestanas não foram retocadas com o negror da fumaça? Teus olhos são ainda mais negros que a nuvem da tormenta.

Em vão acendes tua candeia, pois, apaga-se.

Vem como estás, não percas tempo em adornar-te.

Se a grinalda não foi tecida, a quem importa tal coisa?

Se o bracelete não foi abrochado, fique como está.

As nuvens toldaram o céu; é tarde.

Vem como estás, não percas tempo a adornares-te.

XLVIII

Qual cervo bravio, enlouquecido em sua fragrância, assim corro eu na sombra do bosque. A noite é noite dos meios de março e a brisa é brisa do Sul.

Perco o caminho e começo a vagar.

Procuro o que não encontro, e encontro o que não vim procurar.

Brota do meu coração a dança da imagem dos meus desejos.

A visão deslubrante estremece e foge.

Tento retê-la com firmeza, porém me escapa e se extravia.

Procuro o que não posso achar e encontro o que não vim buscar.

XLIX

Na sua árvore, o pássaro amarelo canta, e faz meu coração dançar de prazer.

Ambos vivemos na mesma aldeia; e esta é nossa maior alegria.

Um par de cordeirinhos brancos vem pastar à sombra das árvores de nosso jardim.

Se acaso se extraviam em nosso campo de cevada, eu os tomo em meus braços.

O nome da nossa aldeia é "Janiano" e "Aniana", chamam ao nosso rio; meu nome, conhece-o todo o vilarejo e o nome dela é Raniana. Apenas um prado nos separa.

As abelhas que enxameiam em nosso mato, vão até o seu em busca de mel.

As flores jogadas no ancoradouro, chegam boiando no rio, até o lugar onde nos costumamos banhar.

Cestas de flores secas de *kesm* vêm dos seus prados ao nosso mercado.

O nome de nossa aldeia é Januana, e Anjana é como chamam ao nosso rio.

Meu nome, conhece-o todo o vilarejo, e ela se chama Ranjana.

A trilha que serpenteia até sua casa fica perfumada na primavera com flores de mangueira.

Quando o seu linho amadurece para a colheita floresce o cânhamo em nossos campos.

As estrelas sobre sua palhoça entre si sorriem, cintilando também para nós.

A chuva que costuma transbordar de seus açudes, delicia também nosso bosque de *kádamos.*

O nome de nossa aldeia é Janiana, e Anjana chamam ao nosso rio.

Meu nome, todo o vilarejo o conhece; o, nome dela é Ranjana.

L

Quando ela passou ao meu lado, em seu rápido andar, a barra de sua túnica roçou o meu corpo.

Um inesperado e morno hálito de primavera chegou até mim, da desconhecida ilha de um coração.

Um borboleteio acariciou-me por momento e desapareceu num ápice, como pétala de flor desfolhada, que o vento arrasta.

Caiu dentro de mim, como o suspiro de seu corpo, como o sussurro do seu coração.

LI

Tento, a manhã toda, entrelaçar uma coroa; porém as flores deslizam e caem das minhas mãos.

Tu te sentas e me observas em segredo, com teus olhos aconchegantes.

Pergunta a esses olhos, que refletem travessuras escondidas, quem tem a culpa.

Tento cantar uma canção; mas não consigo.

Um sorriso dissimulado treme em teus lábios.

LII

Pergunta a ele o segredo do meu fracasso.

Deixa que teus lábios sorridentes digam, sob juramento, como minha voz se perdeu no silêncio, qual uma abelha embriagada na flor do loto.

É noite; é o momento em que as flores fecham suas pétalas.

Permite que me sente ao teu lado, e que meus lábios realizem o trabalho que se pode fazer em silêncio, sob a luz difusa das estrelas.

LIII

Caminhas pela trilha que margeia o rio, com o cântaro cheio, apoiado em teu quadril.

Por que voltaste rapidamente a cabeça e me olhaste através do teu desordenado véu?

Este olhar deslumbrante chegou até mim, da escuridão, semelhante à brisa que traz um arrepio através das águas crispadas e se perde na margem sombria.

Chegou até mim, como o pássaro noturno, que, às cegas, voa através do quarto sem luz, de uma a outra janela, e logo se perde na noite.

Tu estás escondida como uma estrela atrás das colinas; eu sou um viajante no caminho. Por que não te detiveste um momento e me olhaste no rosto, através do teu véu, quando caminhavas pela trilha que serpenteia o rio, com o cântaro cheio, apoiado em teu quadril?

LIV

Por que preferiu ele, o jovem vagabundo, vir à minha porta quando amanhecia o dia?

Quando saio ou entro, passo sempre ao seu lado, e seu rosto atrai meus olhos.

Não sei se devesse falar ou permanecer calada.

Por que preferiu vir à minha porta?

São escuras as noites nebulosas de julho; o céu é de um azul suave no outono; os dias primaveris estão inquietos com o vento do Sul.

Ele sempre compõe suas canções com novos ritmos.

Retorno ao meu trabalho e a névoa umedece meus olhos.

Por que preferiu vir à minha porta?

LV

Quando as duas irmãs vão pelo rio, chegam até este lugar, se detêm e sorriem.

Devem haver desconfiado que há alguém atrás das árvores, cada vez que vão pelo rio.

As duas irmãs se falam em surdina, quando passam por este lugar.

Devem ter adivinhado este segredo, de que há alguém atrás das árvores, cada vez que vão pelo rio.

Agitam seus cântaros de repente, e a água se derrama quando chegam neste lugar.

Devem ter descoberto que o coração de alguém bate amorosamente, de alguém que está atrás das árvores, quando elas vão pelo rio.

As duas irmãs se olham quando chegam a este lugar; se olham e sorriem.

Há como que sorriso zombeteiro no rápido mover dos seus pés, que confunde a mente de alguém que está atrás das árvores, quando as irmãs vão pelo rio.

LVI

Por que te sentas ali e sacodes teus braceletes num simples e ocioso passatempo?

Enche teu cântaro; é hora de voltar para casa.

Por que chapinhas na água com tuas mãos, à espera de alguém, olhas impaciente até o caminho, num simples e ocioso passatempo?

Enche teu cântaro e volta para casa.

Passam as horas da manhã; correm as águas escuras. As ondas riem e murmuram entre si num simples e ocioso passatempo.

As nuvens vagarosas reuniram-se à margem do céu, nessa longínqua elevação do terreno.

Ali se detiveram, olham teu rosto e sorriem, num simples e ocioso passatempo.

Enche teu cântaro, e vem pra casa.

LVII

Colocarás, formosa minha, tua grinalda de flores recém-colhidas, em meu pescoço?

Porém, antes de fazê-lo, deves saber que a grinalda que eu entrelacei é para muitas; para aquelas que se descobrem somente com olhares rápidos; que moram em terras inexploradas ou vivem nas canções dos poetas.

É muito tarde para que me peças o coração em troca do teu.

Houve um momento em que minha vida era igual a um botão de flor que trazia todo o perfume oculto em seu coração.

Agora, transbordou, por todas as bandas da vida.

Quem conhecerá o feitiço capaz de concentrá-lo e encerrá-lo outra vez?

Meu coração não me pertence; não posso entregá-lo a uma só; a tantas eu já o dei. . .

LVIII

Aonde vais, apressada, com teu cesto, nesta hora avançada da tarde, se a feira já acabou?

Todos regressaram a seus lares com seus fardos; a lua espia curiosamente por cima das árvores da aldeia.

O eco de vozes, chamando o barqueiro, perpassa as águas escuras, até o pântano distante, onde dormem os patos silvestres.

Aonde vais, apressada, com teu cesto, se a feira já terminou?

O sono acariciou com seus dedos os olhos da terra.

Já silenciaram os ninhos dos cravos, e já enlanguesceu o murmúrio das folhas do bambu.

Os trabalhadores tornaram aos seus lares, e estendem suas esteiras nos pátios tranquilos.

Aonde vais, apressada, com teu cesto, se, pois, a feira já terminou?

LIX

Confia no amor, ainda que isto traga apenas desgostos; não feches teu coração.

— Oh! não, meu amigo, tuas palavras não são claras. . . Não as entendo.

— O coração serve somente para que o presenteemos com uma lágrima e um canto, meu amor.

— Oh! não, meu amigo, tuas palavras não são claras. . . Não as entendo.

— O prazer é frágil como uma gota de orvalho que, enquanto morre, sorri, mas a dor é forte e tolerante; deixa que o amor, doloroso, desperte em teus olhos.

Oh! Não, meu amigo, tuas palavras não são claras. . . Não as entendo.

LX

Embora a noite se aproxime com seus passos tardios e já tenha soado o toque para que cessem todas as canções;

Apesar de que o tempo germine na escuridão e o rosto da noite se cubra de um véu espesso.

Apesar disso, ave, minha avezinha, escuta-me: não feches tuas asas.

LXI

Não é o pesadume das folhas da selva; é o mar, o mar que se engrossa qual negra serpente.

Não é a dança do jasmim florido; é a espuma, a espuma reluzente.

Ah! Onde estará essa praia verde e ensolarada?

Teu ninho onde está?

Ave, minha avezinha, escuta-me: não feches tuas asas.

LXII

A solitária noite estende-se ao longo de teu caminho, enquanto a manhã adormece por detrás das sombras das colinas.

As estrelas mal respiram, a contarem as lânguidas horas, enquanto a fraca lua vaga pela profundeza da noite.

Ave, minha avezinha, escuta-me: não feches tuas asas.

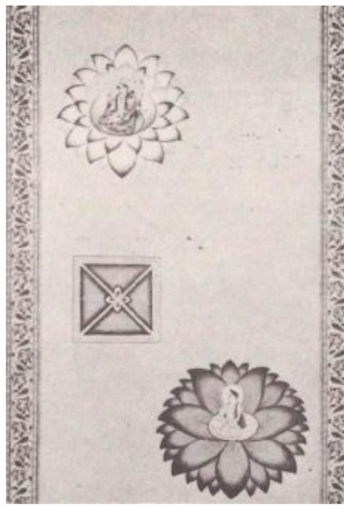
Não te restam esperanças; nem esperança nem temor.

Não há uma palavra, um suspiro, um soluço...

Nem um lar, nem um leito onde possas repousar teu corpo cansado.

Há somente um par de asas, as tuas, nesse imenso céu, sem marcos nem caminhos.

Ave, minha avezinha, escuta-me: não feches tuas asas.



LXIII

Ela vivia na ladeira, junto ao milharal, perto da fonte que jorra em arroiozinhos sorridentes, entre a sombra solene das árvores antigas.

Aí vinham as mulheres para encher seus cântaros e os viajantes se sentavam à sombra, para descansar e conversar um instante.

Ela sonhava e trabalhava, sempre ao som do rio borbulhante.

Num entardecer, desceu do alto do penhasco, que ocultava as nuvens, um desconhecido; seus cabelos emaranhados eram como serpentes adormidas.

Nós o interrogamos admirados: — quem és tu?

Ele não respondeu; sentou-se silenciosamente junto ao arroio murmurante e olhou a cabana onde ela vivia.

LXIV

Nossos corações bateram de temor, e quando a noite caiu, retornamos, medrosos, à nossas casas.

No dia seguinte, vieram as mulheres buscar água na fonte, perto dos *deodares* e encontraram aberta a porta da choupana; sua voz havia partido e onde estava seu rosto sorridente

O cântaro, vazio, jazia por terra, e a lâmpada se havia consumido no seu canto.

Ninguém sabia aonde ela fora, antes que chegasse a manhã; e desaparecera o desconhecido.

LXV

O sol se fez mais ardente no mês de maio e começou o degelo; nós nos sentávamos junto à fonte e soluçávamos, dizendo: — Haverá no pais, para onde ela foi, uma fonte na qual possa encher seu cântaro nestes dias abafados e sedentos?

Interrogávamo-nos, desalentados: — Haverá um país além dessas colinas onde vivemos?

Era uma noite de verão; soprava a brisa do Sul, e eu estava no seu quarto deserto, onde a lâmpada permanecia ainda sem se acender, quando, de repente, as colinas se desvaneceram ante mim, como cortinas que se abrissem.

Oh! Era ela que vinha! Como estás filha, como estás? És feliz?

Dize-me, contudo, onde te podes abrigar sob o céu aberto? Oh! dor! nossa fonte não está mais ali, para aplacar-te a sede.

Aqui está o mesmo céu, — e ela disse.

— Só que faltam as colinas circundantes; esta é a mesma fonte, transformada em rio; a mesma terra, aberta em planície.

Tudo está ali — disse num suspiro: — tudo está ali, só que nós não o estamos.

Ela sorriu tristemente e replicou:

— Estás no meu coração.

Despertei e ouvi o murmúrio do arroio, e o estremecer das folhas dos *deodares* na noite.

LXVI

Vem até nós, juventude, e conta-nos: por que há este lampejo de loucura em teus olhos?

— Não sei que vinho de papoula silvestre bebi, que há essa loucura em meus olhos.

— Oh! que vergonha!

— Alguns são sábios, outros apáticos; uns são observadores e outros descuidados. Há olhos que sorriem e olhos que choram; nos meus, há lampejos de loucura.

— Juventude, juventude, por que te imobilizas, sob a sombra da árvore da vida?

— Meus pés se fatigam com o peso do meu coração, e eu permaneço imóvel na sombra.

— Ah! que vergonha!

— Uns caminham por suas próprias trilhas; outros se demoram; há os que são livres e os que estão acorrentados; meus pés se fatigam com o peso do meu coração.

LXVII

Paz, meu coração, paz, deixa que seja doce o momento da separação.

Que não se assemelhe à morte, e sim ao que é perfeito.

Deixa que o amor se dilua nas recordações, e a dor, em cânticos.

Deixa que esse longo vôo, através dos céus, termine em um seguro bater de asas sobre o ninho.

Deixa que o último toque de tuas mãos seja suave como a flor da noite.

Permanece quieto, — ó final encantado! — quieto por um instante, e dize tuas últimas palavras em silêncio.

Inclino-me diante de ti, e levanto bem alto o lampião para iluminar o teu caminho.

LXVIII

Recordo que um dia, em minha infância, fiz boiar na sanga um barco de papel.

Era um dia úmido de julho; eu estava só e era feliz com o meu brinquedo, quando fiz boiar meu barco

de papel na sanga.

Repentinamente, as nuvens de tormenta se juntaram; chegou o vento em rajadas furiosas e a chuva se precipitou em torrentes.

Caudais de água arrasaram com tudo, transbordaram o arroio e meu barco naufragou. Pensei com amargura que a tempestade tinha vindo sem outro fim que o prejudicar minha ventura.

Toda sua perversidade parecia estar contra mim. Esse dia nublado de julho vai hoje bem distante, e estive meditando sobre todos aqueles jogos da vida, nos quais eu fora um perdedor.

Culpava a minha sorte das muitas trapaças que me fizera o destino, quando, de repente, me recordei desse barco de papel que naufragara no sanga.. .

LXIX

Sobre os campos de arroz, amarelos e verdes, passam as sombras das nuvens outonais, perseguidas pelo sol, caçador veloz.

As abelhas, tontas de luz, esqueceram de sugar seu mel, revolteiam e zumbem.

Os patos, que moram nas ilhas ribeirinhas, por qualquer coisa se alvorotam.

Que ninguém retorne a casa esta manhã, irmãos; que ninguém trabalhe.

Vamos assaltar o céu azul, mergulhar no espaço enquanto corremos.

Pairam os sorrisos no ar, como a espuma na correnteza. Irmãos, vamos desfolhar nossa manhã em frívolas canções.

LXX

Amor, meu coração deseja, dia e noite, encontrar-se contigo: um encontro que seja semelhante à morte, que tudo devora.

Como uma tempestade, arrasta-me; toma tudo que possuo; destrói meu sonho e assalta minhas ilusões. Rouba-me o meu mundo.

Nesta devastação, na suprema nudez do espírito, sejamos um só em beleza.

Oh! meus desejos vãos! Onde reside a esperança de uma união verdadeira senão em ti, meu Deus?

LXXI

Livra-me dos laços de tuas doçuras, meu amor; não me continues servindo deste vinho de beijos.

Este fumo espesso, de incenso, afoga o meu coração.

Abre as portas; deixa que penetre a luz da manhã.

Perdi-me em ti, envolto nas dobras de tuas carícias.

Livra-me destes feitiços, e devolve-me a coragem, para que possa ofertar-te meu livre coração.

LXXII

Acaba, pois, a última canção e vamos.

Esquece esta noite, quando a noite feneceu.

A quem cuido de tomar em meus braços?

Jamais puderam aprisionar os sonhos; minhas mãos ávidas, apertam o vazio contra o meu coração e machucam o meu peito.

LXIII

Se assim o queres, meu amor, terminarei minha canção.

Se isto faz o teu coração sofrer, afastarei os meus olhos do teu rosto.

Se, repentinamente, se perturba o teu andar, me afastarei e escolherei outra senda.

Se te pertubas ao entrelaçares as flores, evitarei chegar até o teu jardim solitário.

Se a água se encrespa ou se torna inquieta, não remarei meu barco junto a tuas margens.

LXXIV

Quem és tu, leitor amado, que lerás daqui a cem anos os meus poemas?

Pobre de mim, que não posso enviar-te nem uma só florzinha, desta riqueza primaveril, nem um simples reflexo de ouro, que arrancaria às nuvens distantes.

Abre tua porta, a do coração, e olha lá fora.

Colhe do teu jardim florido as lembranças perfumadas destas flores murchas; de cem passados anos.

Que sintas em teu coração jubiloso a alegria eterna, que cantou uma manhã de primavera, enviando sua voz agradecida além de um centenário.

FIM